

Este artigo foi recebido em novembro de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em novembro de 2024.

MEMÓRIA E ESCRITA DE SI: OS QUADRINHOS DÃO VOZ ÀS MULHERES

Memory and self-writing: comics give voice to women

NATANIA APARECIDA DA SILVA NOGUEIRA

Doutoranda em História pela Universidade Salgado de Oliveira, Niterói (RJ), membro fundador da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e professora da educação básica na rede municipal de ensino de Leopoldina (MG).

E-mail: nogueira.natania@gmail.com

Resumo

A presente proposta busca analisar as Histórias em Quadrinhos (HQs) como lugar de memória e da escrita de si. Entendemos que as HQs podem ser utilizadas como lugares de memória, conceito retirado de Pierre Nora (1993), tanto da memória coletiva quanto da memória individual. Podemos afirmar que os quadrinhos se apropriam da memória e contribuem para a construção da história. Os quadrinhos também podem ser um espaço para a denúncia e para o clamor por justiça, adquirindo também uma função social, representada aqui pelo conceito de dever de memória. No caso específico, tomamos para estudo duas publicações da autora sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim, *Gramma* (2020) e *A Espera* (2021). Nestes dois quadrinhos, a autora dá voz às mulheres que relatam suas experiências reais em relação a dois eventos: a

II Guerra Mundial e a Guerra da Coreia. Ao mesmo tempo, a autora participa da narrativa e acrescenta aos testemunhos levantados para a produção da obra sua própria experiência. É a busca pela memória das mulheres tanto por meio da oralidade (relatos orais) quanto pela escrita. Por fim, nos guiamos pela obra de Michelle Perrot (2007) e Pierre Nora (1993), entre outros autores, para trabalhar a questão da memória e a história das mulheres.

Palavras-chave: Memória. Escrita de si. História das mulheres. Histórias em quadrinhos.

Abstract

This proposal aims to analyze Comics as a locus of memory and self-writing. We understand that comics can be utilized as places of memory, a concept drawn from Pierre Nora (1993), encompassing both collective and individual memory. We can affirm that comics appropriate memory and contribute to the construction of history. Comics can also serve as a space for denunciation and a call for justice, thus acquiring a social function, represented here by the concept of the duty of memory. Specifically, we examine two publications by South Korean author Keum Suk Gendry-Kim: *Grass* (2020) and *The Waiting* (2021). In these two works, the author gives voice to women who share their real-life experiences concerning two events: World War II and the Korean War. Simultaneously, the author participates in the narrative and adds her own experience to the testimonies collected for the creation of the works. This represents the search for women's memory through both oral (oral testimonies) and written forms. Finally, we draw on the works of Michelle Perrot (2007) and Pierre Nora (1993), among other authors, to address the issues of memory and women's history.

Keywords: Memory. Self-writing. Women's history. Comics.

Introdução

Para o presente estudo, nos debruçamos sobre duas obras produzidas pela quadrinista sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim, *Grama* (2017) e *A Espera* (2020), publicadas no Brasil em 2020 e 2021, respectivamente. Nessas obras, analisamos a questão da memória a partir do conceito de lugar de memória. Segundo Pierre Nora, os lugares de memória são

refúgios criados justamente porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 07). Essa afirmação se aplica a este caso, no qual os quadrinhos são usados para guardar uma memória que ou foi ocultada ou ignorada pela história oficial. Eles abrem a possibilidade de se ouvir a voz da gente simples, comum: a dona de casa, o professor, o funcionário público, o porteiro de um prédio. Nas histórias em quadrinhos, doravante HQs, e em outras obras de ficção, essas pessoas podem se transformar em protagonistas, deixando de ser meros elementos que compõem um cenário.

Uma história vista de baixo, ao rés do chão, termo usado por Jacques Revel (2000) no prefácio do livro de Giovanni Levi, refere-se àquela história escrita a partir do micro, da experiência da pessoa comum, de suas impressões sobre o mundo no qual viveram. Tratamos aqui, então, de uma história narrada a partir da perspectiva da pessoa comum, cuja voz não é ouvida nos livros de história, mas cujo testemunho é fundamental para compor um quadro mais amplo de determinado evento. Segundo Jim Sharpe, esse tipo de história nos oferece a oportunidade de novas abordagens, fugindo de uma história elitista, criando “[...] uma fusão da história da experiência do cotidiano com a temática dos tipos mais tradicionais de história” (SHARPE, 1992, p. 54). *Gramá* e *A Espera* se encaixam nesse perfil, mesmo não sendo obras historiográficas.

Gramá e *A Espera* são HQs baseadas em relatos de pessoas reais e em experiências da própria autora, o que nos permite ter acesso à memória das mulheres e à história contada a partir de uma perspectiva feminina. São histórias dolorosas de mulheres que foram separadas de suas famílias e presenciaram os horrores da guerra. Mulheres cujas memórias

foram transportadas para os quadrinhos, encontrando neles o lugar para falar de si e desafiar tabus e preconceitos profundamente arraigados numa sociedade cuja estrutura social ainda está intimamente ligada ao confucionismo.

A filosofia confucionista determina as relações entre os gêneros a partir da subordinação da mulher ao homem e ao próprio Estado, relação essa sempre marcada pela desigualdade (BAVOLEO, CHAUREB, 2019, p. 140). Mulheres que rompem com essas premissas podem ser excluídas do convívio familiar e relegadas ao ostracismo social (KYUNG, 2004, p. 20). Nos quadrinhos de Keum Suk Gendry-Kim, podemos identificar essa filosofia na forma como as mulheres são tratadas pelos homens e pelas suas próprias famílias. Entendemos que esse tipo de HQ pode ser considerado como um lugar de memória para a memória das mulheres e de outros grupos que, ao longo da história, foram submetidos às regras do patriarcado e silenciados. Elas trazem representações de uma dada sociedade, reproduzem formas de convivência, valores e ideias correntes de determinado período. Esses lugares de memória trazem tanto aspectos da memória coletiva quanto individual.

Grana e *A Espera* quebram o silêncio imposto às mulheres, nesses casos específicos às mulheres sul-coreanas, em momentos marcantes da história do país, envolvido em diversos conflitos armados do início do século XX até a década de 1950. São memórias de mulheres que sofreram violência sexual durante a guerra, que perderam suas casas e famílias, e cujas histórias estão encontrando eco nas mídias modernas. Além disso, levantaremos ainda a questão do dever de memória que, segundo Luciana Quillet Heymann (2006), está relacionado

a aspectos ligados à construção de identidade coletiva, bem como à busca de justiça para grupos oprimidos e/ou vitimados por violência.

Um aspecto importante dessas HQs é o fato de Keum Suk Gendry-Kim não apenas colocar nas páginas de seus quadrinhos a história de mulheres contada a partir do ponto de vista feminino, mas também inserir sua própria história. Em *Grana* e, principalmente, em *A Espera*, são trazidas ideias, impressões e reflexões da própria autora, inserida nessas tramas como personagem, ora real, ora ficcional. A quadrinista, ao fazer isso, coloca em prática a “escrita de si” que, segundo Margareth Rago, representa uma forma de cuidado de si, uma reconstrução da ética do eu (RAGO, 2013, p. 50), que pode ser entendida aqui como uma forma de autoconhecimento e empoderamento. Esse exercício de autorreflexão está presente nas duas HQs, sendo que em *A Espera* há um tom mais personalista, como veremos mais adiante.

O texto será dividido em três partes. Na primeira, faremos uma breve discussão sobre a memória e a história das mulheres, do ponto de vista historiográfico, assim como a forma pela qual as histórias em quadrinhos (HQs) podem se tornar fontes privilegiadas para seu estudo. Em seguida, analisaremos *Grana*, aplicando, entre outros aspectos, os conceitos de lugar de memória e de dever de memória. Por fim, trataremos à tona alguns aspectos de *A Espera*, também relacionados à memória e à história das mulheres, mas com ênfase na questão da escrita de si.

Em busca da memória e da história das mulheres

A memória, em uma perspectiva mais ampla, é uma fonte sobre a qual a história se debruça desde sua gênese. Ela antecede a história e foi, durante muito tempo, a única forma de se conhecer o passado. A memória é viva e tem seu alicerce no testemunho. Relatos orais, passados de geração a geração, misturando mito e realidade: histórias contadas por anciãos em volta de fogueiras. Subjetiva e falha, a memória foi eclipsada e apropriada pela história, que se apresenta como ciência, cuja imparcialidade lhe oferece a legitimidade. Mas, se a memória é subjetiva, essa mesma subjetividade também está presente na história, escondida sob uma suposta imparcialidade. Segundo Le Goff,

De fato, o que sobrevive não é um conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 1992, p. 335).

A história colonizou a memória, selecionando aquilo que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido. O testemunho passou a ser analisado à luz da história, tendo no historiador o seu juiz. O documento era a grande fonte da verdade, sendo os registros oficiais aqueles que traziam as informações sobre as quais a história deveria ser escrita. Citando mais uma vez Le Goff (1992), o documento é uma escolha do historiador, cabendo a ele definir se dado registro é digno de ser apropriado pela história como uma fonte para se conhecer o passado.

A revolução historiográfica trazida pela Escola dos Annales permitiu o rompimento com a noção rígida do que é documento e foi ampliando o conceito de fonte. A adoção de novas abordagens, a tendência à interdisciplinaridade e o uso de novos conceitos trouxe à cena da história produtos culturais diversos, agora vistos como vestígios/documentos, e valorizou a memória e a biografia como fontes para a história. Segundo Roger Chartier, rompia-se com uma história oficial e seletiva que “[...] se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam fronteiras entre objetos históricos legítimos e os que não são e, portanto, são excluídos ou censurados” (2010, p. 18). Em meio a isso nasceu a história das mulheres como um campo de estudos específico, como uma forma de se contar a história, agora com outros atores. Mas a construção de um novo campo de estudos não foi e ainda não é um processo fácil. Segundo Scott,

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando (SCOTT, 1992, p. 73).

A memória das mulheres, assim como sua presença na história, foi, na grande maioria das vezes, relegada ao esquecimento. Faltavam fontes, uma vez que não havia qualquer preocupação em guardar ou registrar a memória das mulheres, nem no âmbito público, nem no privado. As fontes documentais, por elas produzidas, eram descartadas como se suas ideias e impressões acerca do mundo não precisassem ser levadas em consideração. Em uma passagem, Michelle Perrot relata o caso das cartas que Tocqueville escreveu para sua esposa, Mary Mottley. Todas elas foram conservadas em seu arquivo pessoal. No entanto, as cartas

que sua esposa lhe escreveu foram descartadas (PERROT, 2007, p. 22). A perspectiva feminina não interessa? Dos diálogos entre Tocqueville e sua esposa, apenas as palavras dele eram importantes?

Essa ausência da memória feminina faz parte de um projeto de silenciamento que perpassou gerações e que está presente tanto na sociedade ocidental quanto na oriental. Esse processo de silenciamento possui características particulares, que variam de região para região, de cultura para cultura, mas parte do princípio básico de que o que pensam e o que desejam as mulheres está subordinado à vontade dos homens. Sendo assim, para falar sobre o silenciamento das mulheres em sociedades patriarcais, torna-se necessário analisar os papéis de gênero, marcados pelas relações de poder, que as caracterizam. Segundo Joan Scott (1989, p. 86), a categoria gênero se estabelece sobre uma relação de poder que envolve e se estrutura sobre hierarquias sociais, valores culturais, símbolos e significados. Um jogo de poder no qual papéis sociais são impostos arbitrariamente e o significado de “ser mulher” e “ser homem” é construído historicamente, a partir de regras estabelecidas pelo patriarcado. A busca pela memória e a escrita de uma história das mulheres é uma forma que a historiografia encontrou de jogar luz sobre áreas que até então estavam eclipsadas. É dar voz a grupos excluídos. Não apenas as mulheres, mas as crianças, os idosos, a gente comum, cujas representações são mais nítidas em romances do que em livros de história.

Para contar essas histórias, novas fontes vêm sendo requisitadas e outras, antigas conhecidas, estão sendo revisitadas, como as autobiografias e as biografias. Outras, que nasceram com a Segunda Revolução Industrial, como a fotografia, o cinema e as HQs,

começaram a ganhar lugar nas pesquisas acadêmicas. Há ainda obras de ficção, que dialogam com a realidade e possuem elementos importantes para se conhecer e contextualizar determinado período. Essas fontes são lugares de memória, que podem e devem ser apropriadas pela história, dando novos significados ao passado, abrindo para a possibilidade de novas interpretações do vivido.

[...] a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro e a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, o incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Buscamos aqui utilizar os quadrinhos como uma fonte de pesquisa para a história das mulheres, pois consideramos que eles, ou pelo menos uma parte deles, podem conter em suas narrativas representações da sociedade e memórias, tanto individuais quanto coletivas. No caso de *Gramma* e *A Espera* encontramos essas memórias e podemos perceber o desejo de se criar um lugar de memória e romper com o esquecimento, trazendo a experiência individual, dialogando com a experiência coletiva e criando um espaço no qual a memória possa encontrar refúgio.

Gramma e o direito à memória

Histórias em quadrinhos na Coreia do Sul recebem a denominação de manhwa, um tipo de quadrinho que tem influência tanto japonesa quanto ocidental. Dentro da indústria

dos quadrinhos na Coreia do Sul, temos um gênero próprio, atualmente exportado para outros países, o webtoon. Trata-se de um formato de quadrinho digital produzido para leitura em smartphones. O Webtoon é uma forma de manhwa, publicada periodicamente em capítulos online, para leitura rápida. Esse formato de HQ foi adaptado às necessidades dos leitores, cujo ritmo acelerado da vida cotidiana não lhes permite desfrutar de muito tempo para formas de lazer, como a leitura. Há casos em que webtoons de sucesso migram para o formato impresso ou mesmo são adaptados para seriados (k-dramas) ou para filmes. Sua produção segue um ritmo industrial, com prazos curtos que não permitem ao autor, que normalmente é responsável por todas as etapas da produção, se debruçar sobre detalhes ou fazer uma pesquisa mais ampla. Os webtoons formam um nicho tão importante e lucrativo que, por exemplo, em 2013, o governo sul-coreano investiu US\$ 5 milhões na produção de webtoons (JIN, 2019, p. 2100).

No caso de *Grana*, cuja publicação original na Coreia do Sul foi em 2017, temos um manhwa tradicional. A autora, cuja formação inicial é em Belas Artes, foge ao lugar comum ao dar aos quadrinhos um tratamento diferenciado, tornando-os uma forma de expressão artística, também. O ritmo industrial do webtoon não combina com a forma com a qual a autora concebe suas HQs. Keum-Suk Gentry-Kim, por exemplo, trabalha com meok, uma tinta tradicional coreana, e utiliza pincéis, galhos, esponjas e pedras para produzir suas ilustrações, todas feitas à mão, sem auxílio de ferramentas digitais. Nas palavras da autora:

Os webcomics são populares hoje em dia, mas a velocidade e a técnica são fatores importantes quando se trata de publicá-los semanalmente. Eu me sinto muito mais confortável com os quadrinhos impressos que saem como um produto acabado de uma só vez (GENDRY-KIM, YEON-SOO, 2021).

A autora também declara sua preferência em trabalhar com histórias trágicas envolvendo mulheres na Coreia do Sul, colocando o foco em personagens que são marginalizadas e que, de outra forma, não teriam sua voz ouvida. Em entrevista, Gendry-Kim afirmou que este tipo de temática lhe atrai porque “Como sou mulher e cresci vendo minha mãe e minhas irmãs enfrentarem discriminação de gênero na sociedade patriarcal, sinto-me determinada a contar histórias de mulheres” (GENDRY-KIM, YEON-SOO, 2021). Keum Suk Gendry-Kim, ao produzir quadrinhos sobre a história de mulheres que presenciaram e sofreram os horrores da guerra, que viveram sob a égide do patriarcado, sendo tratadas como seres inferiores à disposição dos homens, nos traz questões importantes para discutir os papéis de gênero impostos a homens e mulheres, não apenas em seu país.

No caso de *Grana*, ela aborda a escravidão sexual durante a Segunda Guerra Mundial que vitimou cerca de 80 a 200 mil mulheres, sendo que 80% delas eram de origem coreana, distribuídas em 400 estações de conforto, espalhadas pelos territórios dominados pelo Japão (OKAMOTO, 2013, p. 92-93). A exploração e a violência sexual contra mulheres não foi um fenômeno exclusivo do leste asiático e está presente em praticamente todas as guerras. Violar e prostituir mulheres em áreas de conflito é uma prática comum ao longo da história da humanidade. Mas essas mulheres raramente foram ouvidas, normalmente não são lembradas. A violência que sofreram era encarada como um passado vergonhoso, tornando-

se assim uma memória destinada ao esquecimento. O que Keum Suk Gendry-Kim vai fazer em *Gramma* é criar um lugar de memória que vai se contrapor ao esquecimento.

Gramma também fala da busca por uma identidade, a partir da memorização do passado, mesmo que isso seja realizado por meio de relatos do sofrimento passado por mulheres que sobreviveram à guerra e aos rigores da sociedade patriarcal. Trata-se, também, de uma história que faz parte de todo um processo em busca de reparação, iniciado por mulheres sobreviventes da Segunda Guerra Sino-Japonesa e da Segunda Guerra Mundial, que foram vitimadas pelo sistema de *comfort women*, criado pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial.

Comfort women é um termo utilizado para designar as mulheres que, durante a Segunda Guerra Mundial, foram forçadas à escravidão sexual em bordéis criados pelo exército japonês. Esse sistema de exploração sexual baseado na criação de “estações ou casas de conforto” vitimou centenas de milhares de mulheres que ainda aguardam a reparação pelos danos físicos e psicológicos deixados pela experiência (NOGUEIRA, 2020, p. 01).

Gendry-Kim permite que essas mulheres que sobreviveram às “estações de conforto”, representadas pela vovó Ok-sun Lee, já em idade avançada, denunciem os crimes de guerra dos japoneses e exijam, juntamente com suas famílias, reparação material e moral. Uma questão que, inclusive, adentra ao campo da diplomacia, uma vez que o Japão resiste em assumir a devida responsabilidade pelos crimes cometidos durante a guerra. Segundo o governo japonês, todas as mulheres envolvidas se voluntariaram e se prostituíram como forma de colaborar com o esforço de guerra. Contra essa memória oficial, vozes de mulheres se levantaram, depoimentos foram colhidos e documentos foram resgatados.

Uma vez que eram consideradas prostitutas a serviço do Estado, a violação das *comfort women* não era qualificada como estupro. No entanto, aquelas mulheres, em sua maioria, foram aliciadas com falsas promessas de emprego e tiradas de suas famílias pobres, que eram enganadas pelos aliciadores. Muitas delas eram raptadas e enviadas para campos de trabalho forçado e para “estações de conforto”. Além de vítimas de discriminação de gênero, elas também tiveram sua situação de escravas sexuais condicionada ao seu status social e econômico (NOGUEIRA, 2020, p.10).

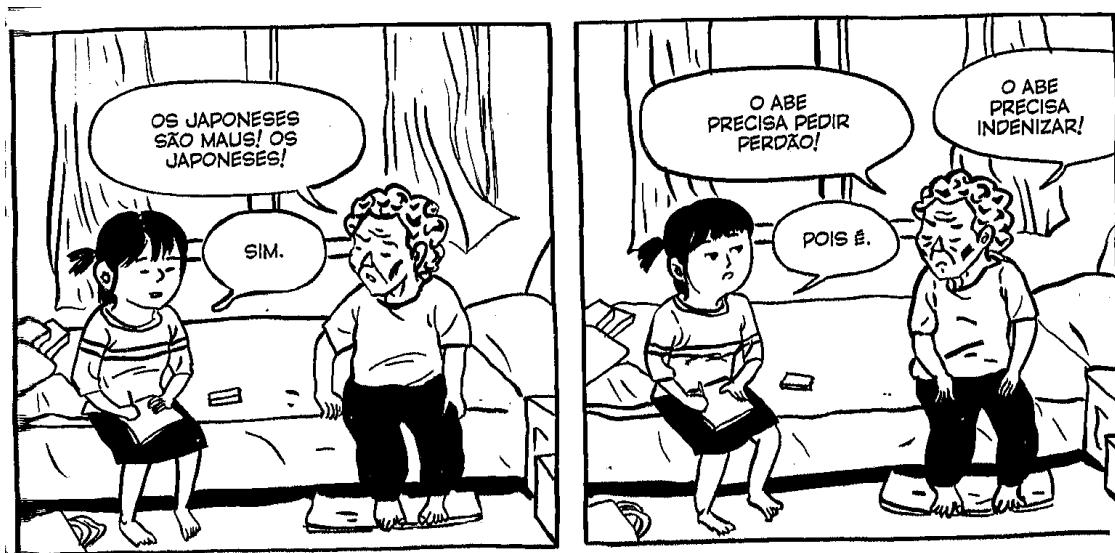


FIGURA 1. Referência a Shinzō Abe, primeiro ministro japonês de 2006 a 2020, e à luta das *comfort women* e suas famílias por reparação. Na sequência temos Keum Suk Gendry-Kim entrevistando a vovó Ok-sun Lee.
Fonte: GENDRY-KIM, Keum Suk. **Grama**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020, p. 147.

Em 2015, durante sua gestão, o primeiro-ministro japonês, Shinzō Abe, desculpou-se e prometeu a instituição de um fundo para vítimas de quase US\$ 8,5 milhões. No entanto, tanto o pedido de desculpas quanto o valor da indenização foram considerados insuficientes

pelas vítimas, que exigem o reconhecimento oficial do governo japonês pelo crime de escravidão sexual (ZENGARINI, 2021).

Em dezembro de 2015, Yun Byun Se e Fumio Kishida, ministros dos Negócios Estrangeiros da Coreia do Sul e Japão, respectivamente, assinam um acordo “irreversível”, prometendo indenizar as sobreviventes. Este acordo foi recebido com criticismo e revolta, acompanhado pela publicação de um comunicado do Korean Council no qual classifica o acordo como inválido por não ter considerado as vozes das sobreviventes e não incluir um pedido de desculpas dos altos membros do Estado Japonês (AZENHA, 2017, p. 49).

Grama evoca o dever de memória, uma vez que denuncia os abusos cometidos sob a tutela de um Estado e exige uma reparação. A tragédia das *comfort women* é uma das pautas atuais do movimento feminista sul-coreano, que emergiu na Coreia do Sul na década de 1970 e ganhou força com a redemocratização do país, com as primeiras eleições livres, na década de 1980. As discussões sobre o uso de mulheres coreanas nas estações de conforto japonesas ganharam notoriedade em 1988, durante a International Conference on Women and Tourism (Conferência Internacional sobre Mulheres e Turismo), na ilha de Jeju.

O tema foi colocado em pauta por Yun Chung Ok, pesquisadora da Universidade de Ehwa, a partir de um trabalho realizado com o grupo “Igreja das Mulheres Coreanas Unidas” (KCWU). Com a publicação do estudo, o tema chamou a atenção de diversos grupos e, em 1990, foi iniciada uma investigação internacional com a criação de um grupo de trabalho denominado Associação de Investigação Chongsindae (AZENHA, 2017, p. 43). Tem início, então, uma longa luta com o governo japonês pelo reconhecimento e reparação do crime de guerra contra mulheres coreanas.



Figura 2 – Sequência de quadros descrever a memória traumática da sobrevivente, Ok-sun Lee. Fonte: GENDRY-KIM, Keum Suk. *Grama*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020, p 208.

A denúncia e o combate à violência contra as mulheres são um dos temas permanentes da agenda do movimento feminista internacional. Na Coreia do Sul, esse tema envolve não apenas a violência doméstica, mas também escolar e no trabalho. As mulheres estão constantemente expostas a ela, seja pela permanência da reprodução de aspectos sexistas e machistas do confucionismo, seja pela relação tradicionalmente pautada pela força entre homens e mulheres, que ainda é muito forte no país. *Gramá* também denuncia esse tipo de relação e traz uma representação perversa da sociedade sul-coreana, cujas “vovós” precisam apelar pela justiça por uma reparação que muitas delas não viveram para receber. Essa memória dolorosa faz parte da identidade das mulheres sul-coreanas e serve de combustível para o movimento feminista, que busca não apenas igualdade, mas justiça para as mulheres.

Gramá trabalha com memória individual, na medida em que traz não apenas o relato de sobreviventes, mas experiências coletivas. Keum Suk Gendry-Kim não está apenas descrevendo a experiência de uma sobrevivente, a vovó Ok-sun Lee. A memória individual dialoga com a memória coletiva, trazendo não apenas a experiência individual do narrador, mas aquilo que ele observa ao seu redor. O relato de uma mulher é o relato das outras mulheres com as quais ela conviveu, todas inseridas dentro de um contexto maior.

Ao descrever a violência e o abuso sofrido pela vovó Ok-sun Lee (Figura 2), por exemplo, Keum Suk Gendry-Kim desenha uma sequência de quadros na qual dá ênfase à expressão facial da depoente, no momento em que relata sua experiência, após ser violada.

Quando a vovó diz “por isso tantas mulheres se matam depois”, ela traz para a narrativa não apenas a sua história, mas a história das outras *comfort women* e mesmo de outras mulheres que foram vítimas de violência sexual. É a memória individual recorrendo à memória coletiva. Segundo Maurice Halbwachs, “nossa memória não é uma tábua rasa” (HALBWACHS, 1990, p. 28). A memória individual é construída a partir de interações sociais e decodificação de informações, numa relação de troca entre o “eu” e o “nós”. A memória coletiva encontra seu suporte na memória individual e vice-versa.

Diríamos, voluntariamente, que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que esse lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios [...]. A sucessão de lembranças, mesmo das mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Essa interação entre memória coletiva e individual está presente também, como veremos a seguir, em *A Espera*, que aborda o tema da separação não apenas a partir do ponto de vista pessoal, mas de toda uma nação.

A espera: memória e escrita de si

Em *A Espera*, Keum Suk Gendry-Kim criou uma obra de ficção a partir das memórias de sua mãe, representada pela protagonista Gwijá Song, e de relatos de outras pessoas que foram separadas de suas famílias durante a Guerra da Coreia (1950-1953), que resultou na divisão do país. Diferentemente de *Gramá*, na qual a autora trabalha um tema que é caro às

mulheres coreanas em geral e que faz parte da agenda do movimento feminista sul-coreano, em *A Espera*, a temática flui de uma forma mais personalista, embora ainda dialogando com o interesse coletivo.

Nesse quadrinho, Gendry-Kim está buscando sua própria memória, sua identidade enquanto filha de coreanos que tiveram suas famílias separadas pela guerra. Segundo ela, “Por meio de *A Espera*, eu queria abordar questões relacionadas à importância da família quando estamos testemunhando o colapso de um sistema familiar tradicional. Dito isso, também incluí os problemas sociais que enfrentamos na sociedade moderna” (GENDRY-KIM, YEON-SOO, 2021). A família é o tema central da narrativa, tanto a relação entre mãe e filha, quanto o desejo da mãe em reencontrar seu filho perdido. Da família aos moldes confucionistas à família moderna, que se resume à mãe e seus filhos. Nesse exercício da escrita de si, a autora coloca na HQ diversas representações de família e, em todas elas, a mulher é a personagem central.

A protagonista, Gwijá Song, espera por muitos anos a oportunidade de reencontrar o filho do qual foi separada. A angústia da mãe é compartilhada pelos outros filhos que, por meio de suas memórias de juventude, passam a compreender melhor determinadas atitudes da matriarca. *A Espera* também é uma história de reencontros, pois traz os relatos de coreanos que conseguiram reencontrar parte da família perdida. Isso foi possível porque, desde o ano 2000, um acordo diplomático entre as duas Coreias promoveu o reencontro de famílias

divididas por intermédio da Cruz Vermelha. Cerca de 130 mil sul-coreanos se candidataram para essas reuniões, sendo que, em 2018, cerca de 75 mil já haviam falecido.¹

A autora se autorrepresenta como uma escritora de romances, Jiná, filha de Gwijá Song. Apesar de frisar que se trata de uma ficção, ela também deixa claro que a HQ é uma obra baseada em fatos e pessoas reais. Em seu todo, a narrativa é marcada por flashbacks, havendo constante intercalação entre passado e presente. Tal recurso também é usado em *Gramá*, mas em *A Espera* temos os personagens rememorando o passado espontaneamente, numa narrativa encadeada. Em *Gramá*, essa rememoração se faz a partir de um estímulo externo, a entrevista da autora com a vovó Ok-sun Lee.

Como já comentamos, em *Gramá*, Gendry-Kim baseou sua pesquisa em entrevistas e se participa diretamente da história. A HQ parte do processo de coleta de testemunhos entre a quadrinista e a vovó Ok-sun Lee, além de toda a preparação e pesquisa que deu origem à obra. Em *A Espera*, temos uma HQ que mistura componentes biográficos com autobiográficos, uma vez que, mesmo se autorrepresentando como uma personagem fictícia, a autora usa de sua experiência para compor a narrativa, construída a partir das suas impressões e sentimentos. Daí o tom intimista de *A Espera*, pois, além do conteúdo recolhido de testemunhos e pesquisa bibliográfica, a autora baseia-se na sua própria história. Se *Gramá*

¹ Parentes separados pela Guerra da Coreia se reencontram após seis décadas. **Jornal comércio**. Publicado em 20 de ago. 2018. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/internacional/2018/08/644613-parentes-separados-pela-guerra-da-coreia-se-reencontram-apos-seis-decadas.html>>. Acesso em: 12 out. 2021.

colabora para a construção da identidade coletiva da mulher coreana e de outras mulheres de outros países, vítimas de violência sexual, em *A Espera*, a autora também está construindo sua própria identidade, enquanto filha que compartilha do sofrimento da mãe.



Figura 3 – A autora, auto representada pela filha escritora da protagonista. Fonte: GENDRY-KIM, Keum Suk. *A Espera*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2021, p.29.

Como personagem da HQ, a romancista Jiná, temos a autora refletindo sobre dois pontos importantes e entrelaçados: a memória e o esquecimento (Figura 3). Ela se autorrepreende pelo fato de não ter dado a devida atenção aos apelos da mãe, que quer reencontrar o filho mais velho. A promessa “caiu no esquecimento”, e é preciso buscar por essa memória. Uma reflexão simples, mas com muitos significados. A memória é viva e, por ser assim, é frágil e pode ser engolida pela rotina da vida diária, pelo surgimento de novas demandas, de novas prioridades. Daí, a necessidade do lugar de memória, que tem um papel de fazer frente ao esquecimento.

Keum Suk Gendry-Kim, ao contar a história da mãe, interligada a outros relatos, está também nos contando como foi a descoberta da sua própria história. Neste sentido, podemos inserir essa narrativa dentro da “escrita de si”. Ela narra a história da mãe e de outros sobreviventes da guerra e, ao mesmo tempo, conta sua própria história, uma vez que ela é compartilhada com sua família. Essa escrita de si agrega ainda mais valor ao quadrinho, enquanto documento, uma vez que possibilita o acesso a representações sociais, memórias individuais e coletivas usadas para compor a narrativa e preencher as lacunas deixadas pela história oficial. Esses relatos autobiográficos abrem possibilidades para novos diálogos e perspectivas de análise, preenchendo lacunas deixadas por outros documentos/fontes.

No posfácio da edição brasileira, Keum Suk Gendry-Kim levanta a questão ética de se trabalhar com depoimentos de pessoas que passaram por situações traumáticas e mesmo a questão de transformar em público um fato que faz parte da vida privada dos depoentes. Essa preocupação com a ética é recorrente na sua produção. Em *Gramá*, por exemplo, a autora

teve o cuidado de narrar as cenas de violência sexual de forma a não expor os corpos das mulheres, em respeito a elas e suas famílias. O estupro estava presente na narrativa, mas ausente em forma de imagem (GENDRY-KIM, 2020).

A Espera é uma ficção baseada nos testemunhos da Sra. Lee, do Sr. Kim e da minha mãe, e também em outros materiais e registros de depoimentos. Optei por produzir uma ficção, pois não queria machucar as pessoas que abriram seus corações e contaram sobre suas vidas e as de seus familiares. “Será justo que eu tome sua voz e fale das dores de outrem? Pensei também. É uma ficção, mas ao mesmo tempo é uma verdade baseada em fatos” (GENDRY-KIM, 2021, p. 246).

Ao tomar os relatos e efetuar todo o trabalho de pesquisa sobre o tema, Gendry-Kim estabelece uma ponte entre passado e presente, uma vez que a separação de famílias pela guerra não teve fim. Ela usa a ficção como recurso para contar histórias reais de forma a torná-las parte da experiência do leitor, que vai delas se apropriar. Uma ficção que se baseia na realidade, nas palavras da autora, “uma verdade baseada em fatos”. Segundo Umberto Eco,

“...ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana” (ECO, 1994, p. 93).

Keum Suk Gendry-Kim narra a história da Coreia de forma didática, desde a ocupação japonesa (1910-1945), passando pela Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) e a Segunda Guerra, chegando ao período da Guerra Fria, na década de 1950, com a eclosão da Guerra da Coreia. É possível compreender perfeitamente a sequência de acontecimentos, tanto do ponto de vista geral quanto individual. A narrativa traz a guerra a partir da perspectiva da

gente simples, comum, que precisa encontrar estratégias de sobrevivência à medida que o conflito se desenrola. O correto seria “conflitos”, uma vez que a ocupação japonesa, a guerra Sino-Japonesa e a Segunda Guerra foram conflitos que se intercalaram e foram seguidos da Guerra da Coreia.

Numa passagem de *A Espera*, temos a família da protagonista Gwijá Song, por exemplo, tendo que lidar com situações decorrentes desse estado quase que permanente de conflito. Há uma crise de abastecimento e o empobrecimento do campesinato explorado que leva as pessoas a atos extremos, como foi o caso do desaparecimento do cachorro de estimação da família, Meia, possivelmente capturado pelo vizinho e transformado em refeição.

Em outro momento, presencia-se o esforço da família em salvar o filho mais velho de ser convocado para a guerra contra a China, escondendo-o em um lugar remoto. O rapto de moças para as “estações de conforto” também aparece referenciado na narrativa, quando Gwijá Song precisa ser escondida e ter seu casamento antecipado para garantir que a moça não seja levada pelo exército japonês. A mãe tenta consolar Gwijá Song: “Eu também me casei sem ter conhecido seu pai, e estamos vivendo bem desde então. Dizem que o rapaz é professor na escola primária, não deve deixar faltar comida na mesa...” (GENDRY-KIM, 2021, p. 55).

Nesse e em outros momentos, encontramos elementos da filosofia confucionista nas memórias da protagonista. Por mais de uma vez, a submissão das mulheres aos homens,

dentro e fora do ambiente familiar, aparece representada. Além de ter que se casar com um homem que não conhece – ou era isso ou cair nas mãos dos japoneses –, Gwijá Song está desde a infância submetida a um papel de inferioridade dentro da família, por ser mulher. Quando menina, ela questiona o fato de nunca ter feito uma refeição com o pai e reclama de sua comida ser diferente. A protagonista indaga à mãe: “- O que eu tenho de diferente dos meus irmãos?” (Figura 4). A autora mostra nesse e em outros momentos a fragilidade das mulheres numa sociedade que as coloca em segundo plano, na qual suas vontades não são ouvidas, seus corpos não lhes pertencem e sua inferioridade é acentuada em coisas cotidianas como o fato de não poderem estudar, não poderem fazer a refeição ao lado dos homens, de comerem uma comida menos saborosa e nutritiva.



Figura 4 - Quadrinho mostra a divisão baseado nos papéis de gênero: mãe e filha comem separadas dos homens e não podem compartilhar da mesma comida. Fonte: GENDRY-KIM, Keum Suk. *A Espera*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2021, p.55.

Essa naturalização dos papéis de gênero, que coloca a mulher como inferior e o homem como superior, é ainda recorrente na Coreia do Sul, país no qual as minorias são tratadas de forma desigual e, por vezes, violenta. Entre as principais vítimas de discriminação estão a comunidade LGBTQIA+, estrangeiros e mulheres. Há dificuldade, inclusive, em denunciar o crime de estupro, em conseguir o divórcio, e o assédio moral e físico em ambientes de trabalho são comuns para as mulheres sul-coreanas. Elas ainda são vítimas de uma cultura de estupro e de terrorismo e exploração sexual, constantemente denunciada por grupos feministas (PARK, KUK, YU, NORMA, 2020).

Considerações finais

Temos assistido, nos últimos anos, a um avanço gradativo na adoção de novas fontes de pesquisa no âmbito da história. Embora ainda haja alguma estranheza por parte da comunidade acadêmica, a cultura pop, em particular as HQs, vem ganhando as salas de aula das universidades, e os quadrinhos estão se fortalecendo como fonte de pesquisa, cujo uso é multidisciplinar, assim como obras literárias ficcionais ou não. Prova disso é o crescimento de publicações acadêmicas com dossiês sobre cinema, televisão, games, música e quadrinhos. A isso ainda podemos adicionar eventos acadêmicos realizados em instituições prestigiadas, como as Jornadas Internacionais de Quadrinhos (ECA-USP), a Semana Internacional de

Quadrinhos (ECO-UFRJ) e o Encontro de Animê, Mangá e Ficção Científica no Ensino de Ciências (IOC/Fiocruz).

Nesse contexto, o ofício de se fazer a história tem adotado novas ferramentas, e o historiador está aprendendo a ampliar ainda mais seus horizontes, derrubando preconceitos com relação às fontes. Em vista disso, o testemunho se tornou um dado preciso, e a memória vem sendo valorizada e apropriada não apenas pela história/disciplina para contar histórias. Não que isso seja algo novo. Lowenthal (1998) nos demonstra que a ficção muitas vezes não deixou nada a dever para a história e que ela pode ser tão didática (ou até mais) e tão informativa quanto a história, uma vez que não está presa ao rigor acadêmico e consegue transportar o leitor para dentro da narrativa. Isso porque ela traz para a narrativa o cidadão comum; ela nos introduz ao ambiente das cidades como se lá estivéssemos; ela reconstrói uma realidade que é apropriada pelo leitor.

Em *Gramma* e em *A Espera*, percebemos essa qualidade, a de se construir uma narrativa utilizando elementos da história, do testemunho e da ficção para se criar uma trama que coloca no centro a pessoa comum que, a partir de suas memórias, nos transporta para outros tempos. Esse processo, que coloca o passado no presente e nos leva a refletir sobre o passado a partir das demandas que temos hoje, torna a narrativa não apenas mais interessante e fluida, mas também mais humanizada. Talvez por isso o leitor se encante com uma obra baseada em memórias e em fatos reais, mas muitas vezes tenha resistência em mergulhar nos livros de história, muitos deles ainda tão distantes da vida e do cotidiano da maioria das pessoas.

A escrita de si, também presente nessas obras, em maior ou menor proporção, nos dá oportunidade de nos aprofundar em um aspecto que muitas vezes é ignorado pela historiografia: o aspecto humano. A história muitas vezes se perde em dados e números e se esquece para quem ela está sendo escrita, o que dificulta a formação da nossa identidade, seja ela individual ou coletiva, uma vez que não nos reconhecemos nessa história engessada. Quando um leitor busca uma obra de ficção, de certa forma ele se encontra dentro dela; é preciso que ele se encontre, também, nos livros de história.

Essa apropriação da memória pelos quadrinhos e, em geral, pela ficção, pode ser vista aqui não como um obstáculo para a história, mas como a abertura para novas possibilidades de se escrever uma nova história. Uma história que traga à tona o protagonismo das minorias, o valor das mulheres enquanto sujeitos da história e, ao mesmo tempo, nos convide a discutir temas como a guerra, a família, os papéis de gênero e a violência. Uma história mais humana, na qual a voz de todos e todas possa ser ouvida.

Referências

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. **Para além do silêncio:** o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na coreia do sul (1905-2015). Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Estudos Asiáticos, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/26745>. Acesso em 23 set. 2021.

BOVELEOA, Bárbara. CHAUREB, Desirée. Ciberfeminismo: emergência y características del feminismo online en Corea del Sur. **Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad**, Vol. 14(1), p. 137-149, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ries/v14n1/1909-3063-ries-14-01-137.pdf>. Acesso em 26 set, 2021.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GENDRY-KIM, Keum Suk; YEON-SOO, Kwak. Harvey Award-winning graphic novelist highlights history in cartoons. **Korea Times: Lifestyle**. Seul: Korea Times Co., 2021. Publicado em 21 jan. 2021. s/p. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2021/08/142_302826.html. Acesso em: 07 out. 2021.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **A Espera**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2021.

GENDRY-KIM, Keum Suk. Premier contact. Mensagem recebida por: natania.nogueira2010@gmail.com. Entrevista concedida em 04 out 2020.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **Gramma**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O “devoir de mémoire” na França contemporânea**: entre memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 4. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6732>>. Acesso em: 20 out. 2018.

JIN, Dal Yong. Snack Culture's Dream of Big-Screen Culture: Korean Webtoons' Transmedia Storytelling. *International Journal of Communication* 13(2019), 2094–2115. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/10004>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

KYUNG, Chung Hyun. **Introducción a la teología feminina asiática** - Lucha por ser el Sol una vez más. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LOWENTHAL, David. **Como conhecer o passado**. Projeto História – Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História, São Paulo, vol. 17, nov. 1998.

NORA, Pierre. Entre a memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, (10), dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

OKAMOTO, Julia Yuri. *As “mulheres de conforto” da Guerra do Pacífico*. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2013. p. 92-108. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/17698/10136>>. Acesso em: 12 out. 2020.

Parentes separados pela Guerra da Coreia se reencontram após seis décadas. **Jornal comércio**. Publicado em: 20 de ago. 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/internacional/2018/08/644613-parentes-separados-pela-guerra-da-coreia-se-reencontram-apos-seis-decadas.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

PARK, Hyejung, KUK, Jihye, YU, Hyedam, NORMA, Caroline. **As mulheres são reféns: manifestações contra o cartel de estupro na Coreia do Sul**. Publicado em 9 jul. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/as-mulheres-s%C3%A3o-ref%C3%A9ns-manifesta%C3%A7%C3%B5es-contras-o-cartel-de-estupro-na-coreia-do-sul-74414d0fff91>>. Acesso em: 10 out. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **Aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora UNICAMP, 2013.

REVEL, Jacques. A História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: a trajetória de uma exorcista no Piemonte do século XVII*.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A Escrita e a História: novas perspectivas**. - São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org). **A Escrita e a História: novas perspectivas**. - São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

ZENGARINI, Lisa. Abusos contra mulheres na II Guerra foi um crime, dizem bispos japoneses.

Vaticano News (2021). Disponível em:

<<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-01/coreia-japao-tensao-mulheres-conforto-bispos-japoneses.html>>. Acesso em: 10 set. 2021.